

# Álbum de Estampas

## Eneida: Seis Flagrantes da Geografia Humana de Belém

Josse Fares

Mestre em Letras

Professora da Universidade da Amazônia-UNAMA

Foi num palacete situado na rua Benjamin Constant - hoje já destruído pela força da grana que ergue e destrói coisas belas - que nasceu Eneida, num berço privilegiado pelas boas posses do pai, um comandante de navio que singrava os rios amazônicos, onde mergulhava os olhos que retornavam encharcados de vivências ribeirinhas, repassadas, mais tarde, à filha, que logo se tomou de amores por esta terra nunca esquecida por ela, mesmo quando se transferiu para o Rio de Janeiro.

Na então capital federal, Eneida, ao ingressar no Partido Comunista, vivenciou não mais as alegrias da meninice despreocupada, mas a dolorosa situação dos perseguidos políticos do Estado Novo Getulista. Eneida tornou-se uma das presas do Pavilhão dos Primários.

A memória que guardou da infância e da experiência vivida no cárcere constituiu-se o *leitmotiv* de suas crônicas. Portanto, estamos diante de uma obra marcadamente autobiográfica e memorialista. No seu tecido de memória, a cronista misturou os matizes da luz e da sombra, da alegria e da tristeza, do lirismo e da denúncia.

Sem dúvida, uma das marcas da escritora são as crônicas que tematizam os verdes anos vividos em Belém. Essa Belém que ela tanto amou. Essa Belém que deixou aqueles olhos verdes encharcados d'água quando viram a amada cidade maltratada pela insensibilidade e descaso de seus governantes. Nessas obras, os ternos olhos verdes metamorfoseavam-se em sabres; as palavras que deles emanavam eram armas que detonavam denúncias e gritavam injustiças. Essa era uma das formas de luta da escritora, era sua maneira de defender a bem-amada e declarar-lhe seu mais profundo amor.

Mais uma vez, valho-me das recordações que Eneida registrou em seus livros *Aruanda* e *Banho de Cheiro*, reeditados em 1989 pela SECULT-Pa, no projeto Lendo

o Pará (pré-textos introdução e apresentação de José Guilherme Castro e Vicente Salles), para deslocar-me no tempo e lançar meu olhar por sobre a geografia humana que nossa cronista, nostálgicamente, fotografou através da força imperecível da palavra. São retratos que não se sujeitam a borrões, manchas ou apagamentos. São imagens nítidas, em carne viva, de algumas figuras que compunham a paisagem humana da Belém do início do século XX.

Dizem que a fotografia devassa e revela a alma. E a palavra de Eneida explode em flashes e compõe um álbum que ora passo a folhear. Permita-me convidá-lo a folhear comigo este álbum de fotografias. Creio que nos emocionaremos, porque, inexplicavelmente, às vezes, sentimos saudades daquilo que não vivemos ou não conhecemos.

Na primeira página, miro um retrato através do papel de seda que, embora translúcido, dá à imagem o tom nevoento do mistério. Viro, agora, a página. E eis que surge, entre quatro cantoneiras pretas, aquela que "sabia com dignidade e eficiência a ação de todas as plantas" (A, p. 74). Chamava-se Sabá. Na foto, está sentada num banquinho de madeira, cercada de muitas pessoas, ávidas por saber da eficiência desta ou daquela planta. O cenário, como não poderia deixar de ser, é o Ver-O-Peso. E o retrato feito com a palavra não é em preto-e-branco, e a imagem não é estática. Por isso, as estesias nos assaltam: cheiros, cores, pregões... Sabá era vendedora de ervas que servem para perfumar e, mais que isso, servem para curar as dores do corpo e da alma. Sabá é metonímia que se desdobra. Hoje, quando vejo dona Cheirosa, é como se visse a mulata Sabá "evitando desgraças, abençoando com ervas os amores, fortalecendo com plantas lares arruinados." (A, p. 75)

Ainda embriagada pelos cheiros do Ver-O-Peso, contemplo a baía do Guajará, através da segunda fotografia deste álbum. Nela, em primeiro plano, está



Arantes. O olhar da personagem, captado pelo verbo-câmera, é de desespero. As mãos estão entre as pernas e o resto do corpo colado à soleira da porta de um dos casarões da belle-époque, que ainda se vê ali pelas bandas da feira do Açai. Por que tanto desespero? Arantes, segundo Eneida, tinha medo do vento trazido pela baía: "... aquela ventania amazônica diária, trazendo cheiro de maresia, lembrança da Guajará, era pai de todos os filhos, sedutor de donzelas, criador de todas as crianças"(A, p. 47). No retrato de Arantes, fixa-se o imaginário, o caudal mítico de uma cidade que, ainda hoje, tão verticalizada, curva-se diante do poder encantatório das águas, habitat de botos, bolúnas, uíaras...

Nossa retratista, sem se preocupar com o vento que levanta sua saia godê, percorre o Boulevard, sobe a 15 de Agosto e, ao dobrar numa daquelas travessas, que têm embocadura no Largo da Pólvora, chega à Padre Prudêncio. Quantas vezes a mãe não lhe tinha aconselhado que não andasse por aqueles lados... É, mas proibição gera curiosidade, gera desejo. Eneida não interditou o desejo e, naquela tarde, resolveu fiar pelo desconhecido. E por lá fotografou a figura que está na terceira folha deste álbum: dona Anita. "Era uma criatura como outra qualquer, cabocla de olhos amendoados e cabelos negros" (BC, p. 265). A retratista lírica retratou dona Anita de pé, frente à porta de uma casa térrea, bem gorda, com duas janelas de arcos ovalados. Lá, entravam e saíam cavalheiros de meia idade e também jovens adolescentes, que debutavam na vida sexual. Anita era dona de uma pensão de mulheres, que era de todos conhecida, inclusive das famílias que contra ela jamais se rebelaram, na certeza de que é lá que os meninos se fazem homens.

Na quarta folha, a emoção faz do meu sangue um mar revoltado. Deixei o diáfano papel de seda repousar sobre os meus dedos. Era como se eu estivesse segurando as asas de uma libélula para impedir-lhe o voo. Quando soltei-as, contemplei uma das personagens que mais me pungem na escritura de Eneida: "Madame Urubu, toda vestida de branco com duas trouxas nas mãos" (A, p. 42). Seus passos eram vagarosos. E, no meu mundo imaginal, a rua se fez lago e nele, Madame Urubu deslizava como um cisne branco. Se no conto de Andersen, o patinho feio, que não se sabia cisne precisava voar para encontrar-se, Madame Urubu, como o cisne, também precisava alçar vôo para encontrar um pouso. No entanto, o cisne achou seu lugar, mas Madame Urubu, outra metonímia, continuou a bater asas pela cidade sem encontrar seu canto. Talvez não tivesse percebido que seu lar é a rua; sua cama, as marquises; seu telhado, o céu, nem sempre

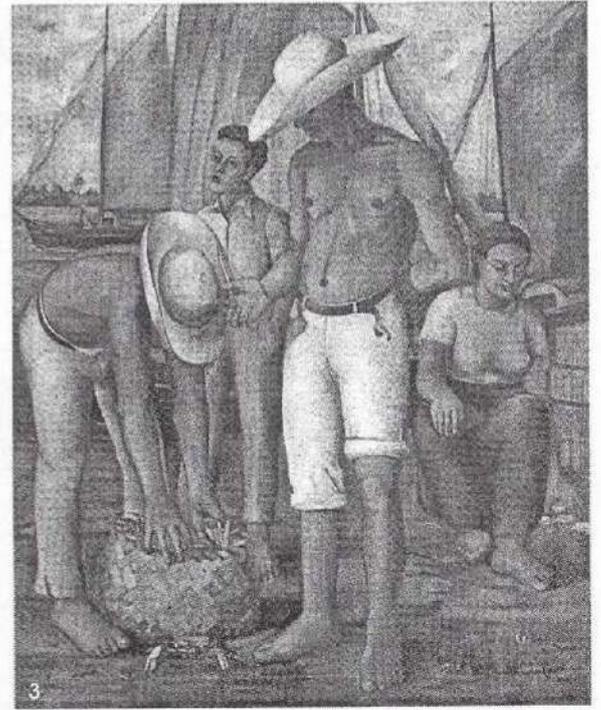
enluarado. As trouxas que traz nas mãos representam sua identidade de eterna marinheira a navegar becos e vielas de Belém. Antes de virar esta página, olho-a repetidas vezes e descubro que seu olhar é sereno.

No papel-cartão verde-musgo do álbum, as cantoneiras seguram a imagem de alguém que se beneficiou com o leite das seringueiras. É o Mulato Rico, a quem o historiador paraense Leandro Tocantins, em seu livro *O Rio Comanda a Vida*, chamou de "mercador de fama" (Tocantins apud Eneida, p. 227). No retrato que tem o Teatro da Paz ao fundo, ele aparece alto, "muito bem vestido, muito cuidado, rindo muito" (BC, p.228), encostado a um automóvel que não consigo decifrar de que cor era. "Foi Mulato Rico quem teve a glória de trazer para nossa tão formosa cidade, o primeiro automóvel, daqueles que faziam um barulho ensurdecedor, levantando nuvens pesadas de fumaça e pó" (BC, p. 227). Este retrato fez-me lembrar de meus ancestrais. De um lado, o materno, cearenses que, fugindo da seca, chegavam aos barracões dos seringais em busca de trabalho, de sobrevivência. De outro lado, o paterno, árabes que também vinham em busca do leite que enriquecia. E como o rio comanda a vida, já dizia Leandro Tocantins, deparei-me com os batelões que subiam e desciam rios inaugurando esse comércio aquático, tão comum em nossa região. Os tuaregues deixaram para trás as areias do deserto e viraram mercadores das águas.

Na sexta página, está a figura emblemática de uma professora que, por incrível que pareça, não era normalista. Pasmem: a professora era advogada e sua única vaidade era o anel de pedra vermelha que exibia no indicador. Chamava-se Hilda, Hilda Vieira e, hoje, virou nome de escola. Ela lecionava num colégio que ficava na Avenida Nazaré: "A casa não mais existe: é hoje uma outra, construída especialmente para o Paissandu Esporte Clube" (BC, p. 215). A voz da professora ecoava e a vareta que trazia na mão direita "apontava o mapa por onde passavam estreitos e canais, ilhas, cabos, lagos e lagoas" (BC, p. 214). O instantâneo batido pela câmera de Eneida mostra a professora Hilda Vieira, justamente quando a vareta percorre a bacia Amazônica: Tocantins, Tapajós...

O álbum ainda tem muitas outras páginas. Eu já as percorri. Tomara que você também faça o mesmo, afinal, nelas, não há contra-indicações.

Agora, é madrugada. Sei que Eneida adorava a noite, mesmo assim, deixo-me envolver pelo acalanto das estrelas. Amanhã... Amanhã haveremos de continuar. Amanhã...



- 1 Vendedora de cheiro, de Antonieta Santos Feio
- 2 A Mulata, de Antonieta Santos Feio
- 3 Vendedor de caranguejo, de Waldemar da Costa Guimarães
- 4 Vendedora de tacacá, de Antonieta Santos Feio  
(As imagens que ilustram este texto são reproduções,  
\* de telas que fazem parte do acervo do Museu de Arte de Belém)

